

Humor na cultura surda: análise de piadas

Carolina Hessel Silveira¹
Lodenir Karnopp²

Resumo

O estudo focaliza a temática do humor surdo, relacionado a questões da cultura surda. A partir de pesquisa maior sobre piadas “clássicas”, que circulam em comunidades surdas, o artigo propõe uma reflexão sobre o papel dessas piadas, com base em estudos anteriores sobre o humor e a cultura surda. Analisam-se, como exemplo, 2 piadas que correspondem a 2 intenções de riso: “rir dos outros” (dos ouvintes) e “rir de nós mesmos” (dos surdos). As piadas analisadas são “Árvore surda” e “King-Kong”. As análises demonstram o grande papel das piadas nas comunidades surdas, proporcionando o fortalecimento do grupo, pois reafirmam traços importantes da identidade e da cultura surda (principalmente o uso das línguas de sinais).

Palavras-chave: humor; línguas de sinais; cultura surda.

Humor in Deaf Culture: jokes analysis

Abstract

This paper focuses on the theme of deaf humor, which is considered to be a component of deaf culture. Based on more extensive research on ‘classic’ jokes which circulate among deaf communities, as well as on previous studies about humor and deaf culture, this article presents a further reflection on the role of these jokes. For example, two jokes are analyzed in relation to two contexts of laughter: laugh at others (hearing people) and laugh at ourselves (deaf people). The jokes that were studied are “The deaf tree” and “King Kong”. Our analysis revealed the important role of jokes in deaf communities in the strengthening of group ties, given the reaffirmation of significant traits of deaf identity and culture (especially with the use of signed languages).

Key words: humor; Sign Language; Deaf Culture.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo, o foco principal situa-se na temática do humor surdo, considerado como um importante componente da cultura surda. A partir de um estudo de maior abrangência sobre várias piadas “clássicas”, que circulam

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Departamento de Estudos Especializados da mesma universidade.

² Docente do Departamento de Estudos Especializados e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. É bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq).

em comunidades de surdos de diferentes países, realizamos aqui uma reflexão sobre o papel do humor surdo na cultura surda e, após, exemplificamos o tema através da análise de duas piadas, em diferentes versões. Examinaremos quais representações de surdos e características da cultura surda estão nelas presentes.

Em relação à cultura surda, trata-se de um conceito que surgiu junto com o movimento surdo e com a valorização das diferenças, contrapondo-se a uma visão clínica da surdez. Conforme Strobel (2008, p. 24)

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas.

A autora ainda usa a metáfora de que a cultura surda é “como algo que penetra na pele do povo surdo” e lembra que ela é transmitida pelas gerações, principalmente através do uso das línguas de sinais.

Uma das autoras do presente artigo tomou contato com as piadas surdas, quando estudou em uma escola de surdos, há aproximadamente vinte e cinco anos. Lá, alguns surdos sempre contavam piadas e histórias, durante o recreio, intervalos e encontros, reunindo um grande número de colegas. Algumas piadas eram repetidas, às vezes modificadas em algum detalhe, mas sempre provocavam um clima de bom humor, descontração e alegria.

Esta experiência continuou em outros espaços e foi possível perceber que as piadas traziam representações da cultura surda; algumas zombavam dos ouvintes, outras mostravam o sofrimento dos surdos e ainda outras apresentavam histórias de cura da surdez, de casamento entre surdos, experiências religiosas etc. Strobel (2008, p. 64), no seu estudo sobre Cultura Surda, nos explica sobre as histórias que passam pelas gerações:

Por muitas gerações os povos surdos transmitem muitas histórias através de língua de sinais; a maioria delas parte de experiências das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulhos da cultura surda que reforça os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens.

As piadas se situam dentro destas histórias que passam, às vezes com pequenas modificações, de geração para geração, transmitindo experiências,

valores e sentimentos. Embora não sejam um tipo de texto a que se dê importância – mesmo entre ouvintes – elas têm um grande papel para reforçar os vínculos de um grupo, pois apenas se ri do que se entende completamente.

No estudo maior que realizamos, efetuamos uma ampla coleta em livros (textos e histórias em quadrinhos), sites, DVDs e outras gravações, buscando por piadas surdas e suas diferentes versões. A partir do corpus constituído, realizamos uma categorização analítica entre piadas surdas que têm como característica o “rir dos outros” (no caso, os ouvintes) e piadas que objetivam “rir de nós mesmos” (no caso, os surdos). Para desenvolvermos nossa argumentação, traremos um exemplo, entre vários, de uma piada de cada categoria.

RIR DOS OUTROS

Entre as várias piadas que circulam na comunidade surda e que os fazem “rir dos outros” (ouvintes), focalizando problemas de comunicação, escolhemos, para explorar, a que denominamos “Árvore Surda”. Lembramos que tais histórias se aproximam entre si porque apresentam cenas nas quais existem problemas para os ouvintes, visto que não sabem sinais. Nessas situações, zomba-se dos limites de ouvintes no uso da língua de sinais.

Assim, os elementos que provocam o riso decorrem de diferenças entre as experiências surdas e as experiências ouvintes. Nas experiências surdas, o uso de uma língua de sinais, da experiência visual está em destaque, e o barulho não incomoda. Já nas experiências de ouvintes, as piadas apresentam ouvintes atrapalhados com o uso da língua de sinais e/ou incomodados com o barulho. Desse modo, o riso está vinculado a determinadas experiências e grupos que as vivenciam. Gomes (2009) considera que o riso em grupo possui toda uma significação pessoal para aquelas pessoas envolvidas no grupo. Dessa forma, entendemos que as piadas surdas provocam o riso e favorecem o sentimento de pertencimento à comunidade surda. Quando rimos, ou se rimos de situações apresentadas em piadas surdas, isso representa uma forma/necessidade/vontade de pertencer ao grupo.

Desta forma, rir dos outros e da sua pouca fluência em sinais é frequente nas piadas e aponta, por outro lado, o valor da língua de sinais. Nestas produções, torna-se evidente a valorização da língua de sinais, a beleza desta língua, o uso e o funcionamento, as vantagens de uma língua em uma

modalidade gestual-visual, a riqueza de expressões e de usos que ela possui, constituindo o bem mais precioso, o tesouro da comunidade surda.

O riso de zombaria, em situações em que se faz alguém de bobo, é recorrente em piadas surdas. Mas lembremos que este riso é encontrado também em outras pesquisas sobre o humor, conforme destaca Propp, em livro clássico sobre a comicidade:

Dos materiais que analisamos é possível que o aspecto de riso mais estritamente ligado à comicidade seja aquele que chamamos de riso de zombaria. É justamente o tipo de riso que mais se encontra na vida e na arte, e está sempre ligado à comicidade. E isto é compreensível. A comicidade costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso (1992, p. 171).

Neste sentido, ao se zombar do ouvinte que não sabe sinais, inverte-se uma lógica corrente na sociedade ouvinte, que assume uma forma de comunicação “naturalizada” como a mais vantajosa, mais valorizada. A comicidade em uma piada em que um soldado acaba estourando a granada em suas mãos por não saber sinais, por exemplo, está associada a mostrar defeitos, limitações humanas, dificuldades, atrapalhões, erros... neste caso, do ouvinte que não sinaliza. Além de as piadas representarem as dificuldades de usar sinais, limitações e falta de fluência na língua por parte dos ouvintes; manifestam também a importância da visibilidade, da experiência visual, com destaque para as vantagens de ser surdo, isto é, para o ganho surdo.

Voltando à piada “Árvore Surda”, vemos que ela é uma das mais antigas e, conforme registros encontrados, muito usada na comunidade surda. Apresentamos uma sinopse básica da mesma.

Um lenhador foi na floresta para cortar árvores. Quando foi cortar a primeira árvore, ele gritou “MADEIRA” e a árvore caiu. Fez a mesma coisa com próxima árvore e teve sucesso. Com a terceira árvore, o lenhador gritou, mas ela não caiu. Resolveu pedir ajuda de um médico, que descobriu que a árvore era surda, indicando a necessidade de soletrar M-A-D-E-I-R-A. Então, a árvore caiu.

Sobre os primeiros registros da existência desta piada, localizamos uma pesquisa desenvolvida pela estadunidense Karen Baldwin (1982)³. Ou seja: ela existe no mínimo há 34 anos, inclusive sendo citada em artigos acadêmicos.

Durante a coleta de versões da piada *Árvore Surda*, encontramos outros materiais que não foram analisados, como, por exemplo, uma piada estadunidense (2010), em que no desfecho o médico não fez a soletração manual, mas sinalizou “CAIR”; uma versão da piada adaptada para teatro de um grupo de surdos estadunidenses e, por fim, um livrinho de história intitulado “*Árvore Surda*”, com gravuras que acompanham texto em português, escrita de sinais e desenhos de “sinais” do projeto “Kit LIBRAS é Legal”. Tais materiais evidenciam a circulação e permanência desta narrativa em diferentes publicações e gêneros.

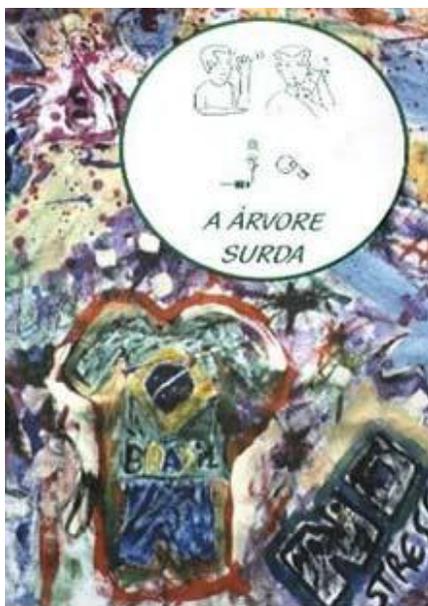


Figura 1 - Capa do livro infantil *História da Árvore*, no Kit LIBRAS é legal. Fonte: <http://www.libraselegal.com.br/portal/>

³ Título “The Lumberjack and the Deaf Tree”: Images of the Deaf in Folk Narrative. Kentucky Folklore Record

Destacamos que o próprio site LIBRAS é Legal⁴ afirmou que a “*HISTÓRIA DA ÁRVORE*” é uma piada muito conhecida na comunidade surda, que vem sendo contada e recontada”.

A seguir, apresentamos o cotejo de três materiais coletados e analisados da piada “Árvore Surda”, provenientes de várias fontes: vídeos coletados na internet e publicações impressas. Podemos visualizar um quadro síntese com os seguintes elementos: material fonte (site YouTube, texto escrito), personagens e desfecho.

Quadro 1 - Elementos de versões da piada “Árvore Surda”

⁴http://www.LIBRASlegal.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=53&lang=pt

Piada “Árvore Surda”				
Fonte	Material	Personagem 1	Personagem 2	Desfecho
Versão A Árvore Surda (Holcomb; Holcomb; Holcomb; EUA, 1994)	Livro	Lenhador	Médico de árvore	Médico examinou árvore; disse que árvore era surda e receitou para lenhador aprender alfabeto manual; soletrou MADEIRA. Árvore caiu.
Versão B <i>Timber</i> (Trudy Fraser, 2013, AUSTRÁLIA)	Vídeo no site YouTube	Lenhador	Médico	Médico examinou árvore; diz árvore era surda. Lenhador foi soletrar MADEIRA. Árvore caiu.

<p>Versão C</p> <p>Sem título</p> <p>(Fábio de Sá, 2014, BRASIL)</p>	<p>Vídeo no site YouTube</p>	<p>Lenhador</p>	<p>Intérprete</p>	<p>Lenhador ligou para chefe explicando sobre árvore, chefe chamou o intérprete de LIBRAS. Chegou intérprete, lenhador explicou, intérprete pediu para ele falar. Lenhador falou: MADEIRA, intérprete soletrou. Árvore caiu. Lenhador diz que árvore era surda.</p>
<p>SINOPSES: ÁRVORE SURDA</p>				
<p>Versão A (Estadunidense)</p> <p>Um lenhador estava ocupado trabalhando na floresta, derrubando árvores. Um lenhador responsável sempre gritava “Madeira!” quando uma árvore caía. Um dia, ele se deparou com uma árvore que não caía, mesmo que ele batesse com força ou gritasse bem alto. Depois de consultar seus colegas lenhadores, ele decidiu chamar um médico de árvore. Quando o médico de árvore examinou a árvore, o diagnóstico foi de que a árvore era surda e não conseguia ouvir o sinal “Madeira!”. O médico receitou que o lenhador aprendesse o alfabeto manual. Ele aprendeu o alfabeto e soletrou com os dedos M A D E I R A para a árvore. Logo em seguida, a árvore começou a cair. (HOLCOMB, HOLCOMB E HOLCOMB, 1994, p. 04 – Tradução Iuri Abreu)</p>				

Versão B (Australiana)

Um lenhador corta e derruba árvores. Um lenhador responsável sempre gritava “Timber!” quando uma árvore caía. Corta a segunda árvore e grita - árvore caiu. Na terceira árvore, ele se deparou com uma árvore que não caía, mesmo que ele gritasse bem alto. Então foi ligar para chamar médico e esperou médico. Quando o médico chegou e foi examinar a árvore, o diagnóstico foi de que a árvore era surda. O lenhador foi soletrar T I M B E R para a árvore. Logo em seguida, a árvore começou a cair.

Versão C (Brasileira)

Um lenhador corta e derruba árvores. Um lenhador responsável sempre gritava “Madeira!” quando uma árvore caía. Corta a segunda árvore e grita: árvore caiu. Na terceira árvore, ele se deparou com uma árvore que não caía, mesmo que ele gritasse bem alto. Então foi ligar para chefe do trabalho, explicando a situação da árvore, chefe diz que chamaria o intérprete de LIBRAS, lenhador estranhou. Chegou o intérprete de LIBRAS, o lenhador explicou a situação, intérprete pediu para ele falar, lenhador falou “Madeira”, intérprete soletrou M A D E I R A para a árvore. Logo em seguida, a árvore começou a cair. O lenhador conclui que a árvore era surda.

Fonte: as autoras.

Numa primeira comparação, percebemos que a piada não foi muito modificada, nas várias versões. Como elementos que permanecem, temos os personagens: lenhador, médico e árvore surda; o local: uma floresta; o fato de a árvore ser surda, de alguém usar soletração manual e árvore cair.

Algumas versões têm pequenas diferenças em relação à sequência narrativa; por exemplo, nas versões A e B, o médico somente faz o diagnóstico e avisa para lenhador que a árvore era surda. Apenas na versão A, o médico receita ao lenhador usar alfabeto manual. A outra versão, B, mostra que o lenhador soletrou diretamente, após médico informar que a árvore era surda. Sobre os personagens, nas versões A e B, encontramos um médico, inexistente na C, mas todas as versões apresentaram o lenhador.

Interessante também destacar aspectos relacionados ao uso de sinais. Somente na versão C temos a presença de intérprete para traduzir para a árvore surda a soletração da fala do lenhador. Outro aspecto é que, em todas as versões, os personagens usaram soletração manual, mas nenhum deles usou sinais. Além disso, a soletração foi feita em línguas diferentes, conforme o país em que a piada foi contada, como MADEIRA, TIMBER, sendo ajustada também ao alfabeto manual correspondente: na Austrália, utiliza-se alfabeto com as duas mãos, enquanto nas versões brasileira e estadunidense, utiliza-se uma mão para soletração.

Por fim, quanto às representações de surdos e características da cultura surda que atravessam a piada, cito Strobel (2009, p. 65), que traz explicações não só sobre a piada “árvore surda”, mas também sobre a forma com que usualmente os surdos a contam:

Na maioria das vezes essas piadas e anedotas envolvem a temática das situações engraçadas sobre a incompreensão das comunidades ouvintes acerca da cultura surda e vice-versa, como é o caso da popular piada “A árvore surda”: o lenhador que grita “madeira” para uma árvore surda e ela não cai, e a árvore só cai quando o lenhador aprende a soletrar “m-a-d-e-i-r-a”. O sujeito surdo, ao contar esta piada, incorpora os personagens com as expressões corporais e faciais e os diálogos, usando a língua de sinais, o que faz com que os espectadores prendam a respiração no desenrolar da história humorística para depois caírem na risada.

Nesta piada, vemos que a árvore surda é identificada como a árvore diferente, estranha, exótica, não se comporta como as demais. É alvo de atenção dos lenhadores, que precisam chamar o médico ou um especialista para saberem o que está acontecendo ou o que fazer para lidar com ela. Observamos que o fato de saber língua de sinais acelera o serviço na floresta e, portanto, é uma vantagem para os ouvintes, profissionais, especialistas. Em todas as versões, fica claro que se o personagem soubesse língua de sinais, não haveria necessidade de chamar médico! No entanto, poucos sabem sinais, poucos sabem se comunicar em língua de sinais.

RIR DE NÓS MESMOS

Outro conjunto de piadas que encontramos são as piadas que tematizam situações e experiências vivenciadas pelos próprios surdos, causando riso no próprio grupo. Algumas apontam situações em que o surdo tira vantagens, decorrentes da benevolência, da compaixão e da piedade de outros. Por exemplo, piadas como “Policial Sinalizador” e “Cabeleireiro” contam histórias de benefícios obtidos pelos surdos, associados ao cotidiano. No caso de “Policial Sinalizador”, a limitação do uso de sinais por parte do policial fez com que o surdo se livrasse de uma multa. Já na piada “Cabeleireiro”, encontramos a vantagem no compartilhamento de informações, que levam a um corte gratuito para uma grande quantidade de surdos. Tais vantagens são apresentadas, nas piadas, em situações que envolvem não só a benevolência, mas também a urgência dos ouvintes em livrarem-se rápido de situações embaraçosas, buscarem soluções rápidas de problemas, ao perceberem que não sabem como atender aos surdos, incorporando uma atitude de piedade, pena. Tais piadas vinculam-se a essas representações, geralmente relacionadas à visão de deficiência, já que “fazer o bem faz bem”. Tais piadas apresentam também ambientes em que o tratamento varia entre dois polos: ou a benevolência ou a exclusão. Ao final, o desfecho dessas piadas mostra o ganho surdo, os benefícios que podem ser obtidos em muitas situações. Podemos citar Sutton-Spence e Napoli (2012, p. 314), que explicam, por meio de uma piada, os benefícios do surdo:

Um homem surdo, um cego e um homem em uma cadeira de rodas estão todos em um pub, numa noite, queixando-se que a cerveja é fraca e o pub é muito lotado. Só então Deus entra e vê o olhar miserável e insatisfeito deles. Ele vem até sua mesa e diz para o homem na cadeira de rodas, "Seja curado!" O homem na cadeira de rodas se levanta e corre pelo pub gritando: "Louvado seja o Senhor!" Deus diz ao cego: "Seja curado!" e o homem olha em volta e percebe que ele agora pode ver. Ele corre pelo pub gritando: "Louvado seja o

Senhor!" Deus volta-se para o homem surdo, mas antes que Ele possa dizer qualquer coisa, o homem surdo diz em pânico: "Não, por favor, não me cure! Eu não quero perder os benefícios de minha deficiência!" (tradução das autoras).⁵

Ainda sobre as piadas que favorecem o riso dentro do próprio grupo - "rir de nós mesmos" - podemos citar outro conjunto de piadas que, ao mesmo tempo em que destacam o valor da língua de sinais, fazem um alerta sobre os possíveis acidentes que uma comunicação com as mãos pode trazer. Tais "acidentes" com a própria língua (com as próprias mãos) decorrem do espaço necessário para a realização dos sinais. Os atores de histórias ou mesmo surdos em conversas do cotidiano limpam o espaço para que possam manipular suas mãos, evitando acidentes com objetos. Por exemplo, deslocam vasos de flores, porque incomodam a visão, cafés ou bebidas precisam estar longe do movimento das mãos, óculos podem voar ao fazer sinais próximos aos olhos.... É comum haver acidente no uso de língua de sinais e que se torna engraçado: pode-se bater numa pessoa quando passa, machucar as próprias mãos ou rosto ao sinalizar etc. entre tantas outras situações. Algumas piadas recorrem a esse tipo de situação para produzir humor.

A piada exemplificativa que trazemos é do personagem King Kong, o gorila gigante, imortalizado no cinema. A piada básica é a seguinte:

Num lugar onde vivem muitas pessoas, de repente, apareceu o King Kong, assustando as pessoas, que fugiram. King Kong veio andando, andando, viu moça loura e bonita, pegou-a na mão. Moça pediu que não a matasse, King Kong gostou dela e pediu para casar com ela. Mas, quando usou o sinal CASAR, destruiu a moça em pedaços.

5 Original: A Deaf man, a blind man and a man in a wheelchair are all in the pub one evening, complaining that the beer is weak and the pub is too crowded. Just then God walks in and sees them looking miserable and dissatisfied. He comes over to their table and says to the man in the wheelchair, "Be healed!" The man in the wheelchair stands up and runs from the pub shouting, "Praise the Lord!" God says to the blind man, "Be healed!" and the man looks around him at everything he can now see. He runs from the pub shouting, "Praise the Lord!" God turns to the Deaf man but before He can say anything, the Deaf man says in panic, "No, please don't heal me! I don't want to lose my disability benefits!"

O humor desta piada vem principalmente do uso do sinal de CASAR, já que as duas mãos são usadas para a articulação deste sinal, e uma delas bate na outra. O sinal CASAR é igual nas línguas de sinais dos países EUA e BRASIL, por isso é que foram coletadas as piadas nestes países. Essa piada só faz sentido em países que apresentam esse sinal para casar, pois o desfecho e riso são provocados pela forma como o sinal é articulado. Vejamos exemplo deste sinal, em LIBRAS:

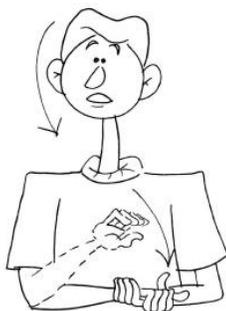


Figura 2 - Sinal CASAR. Fonte: Apostila Libras em Contexto, 2007.

Encontramos três versões estadunidenses, conforme detalhamento da piada no quadro a seguir.

Quadro 2 – Elementos de versões da piada King Kong

Piada “King Kong”				
Fonte	Material	Personagens	Local	Desfecho
Versão A Sem título. (MJ Bienvenu, 2001, EUA)	Livro	Gigante e Mulher loura	Vila	Após esmagar mulher, Gigante diz que melhor é oralismo.
Versão B King Kong (Holcomb; Holcomb; Holcomb; 1994, EUA)	Livro	Gorila e Mulher surda	Praia	Gorila sinalizou “casar” e deixou mulher em pedacinhos.

<p>Versão C</p> <p><i>The Tragic Story of the Deaf King Kong</i></p> <p>(2012, EUA)</p>	<p>YouTube</p>	<p>Gorila e mulher loura, surdos</p>	<p>Cenário de filme</p>	<p>Gorila e mulher conversaram entre si, porque ambos são surdos; depois gorila também sinalizou “casar”, esmagou a mulher (em pedacinhos) e trocou ator surdo para ator ouvinte.</p>
<p>SINOPSES: KING KONG</p>				
<p>Versão A (Estadunidense)</p> <p>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS:</p> <p>Um gigante enorme está perseguindo pessoas em uma pequena vila de pessoas pequeninas, que estão se espalhando pelas ruas, tentando escapar da criatura feia. O gigante observa particularmente uma bela mulher loira, correndo pela calçada. Ele estende o braço desajeitado e pega-a; em seguida, olha com espanto para a figura tremendo na palma da sua mão. "Você é tão linda", ele exclama. A jovem olha para cima com medo. "Eu nunca iria machucá-la ", ele sinaliza, "Eu te amo! Nós deveríamos nos casar." Ao produzir o sinal de casar, ele a esmaga. O gigante então, lamenta: "Veja, oralidade é melhor " (BIENVENU, 1989, p. 101 - Tradução nossa).</p>				
<p>Versão B (Estadunidense)</p> <p>KING KONG</p>				

Em um dia quente de verão, muitas pessoas estavam se divertindo em uma praia local quando o King Kong apareceu. Vendo aquele macaco enorme, as pessoas começaram a gritar e a fugir da praia, exceto uma adorável garota. Inconsciente de toda a comoção, a mulher continuava a tomar banho de sol tranquilamente. Depois de ter afugentado todo o mundo, King Kong se aproximou da única pessoa que ficou na praia e a agarrou em suas mãos. Ela ficou com medo e começou a gritar. O King Kong tentou dizer a ela como ela era bonita. Ela indicou que era surda apontando para as orelhas e fazendo sinal de não com a cabeça. O King Kong ficou surpreso em saber que ela era surda, já que sabia um pouco da língua de sinais. Ele começou a sinalizar: "Você é muito linda. Eu quero casar com você". Mas no processo de sinalizar "casar", King Kong a deixou em pedacinhos (HOLCOMB, HOLCOMB E HOLCOMB, 1994, p. 05). Tradução: Iuri Abreu.

Versão C (Estadunidense)

Em um cenário do filme, ator surdo King Kong viu mulher loura linda, foi atrás dela. Loura caminhava mais ligeiro por medo, olhando para atrás várias vezes. King Kong pegou-a na mão, mulher disse que era surda, King Kong afirmou que também era surdo, que eram iguais. King Kong disse que ela era linda, pediu-a em namoro. Loura concordou com o pedido King pediu para CASAR com ela e, ao sinalizar, acabou matando a mulher. A narradora, ao final da história, faz um comentário: melhor trocar o personagem King Kong surdo para ouvinte [para evitar tragédia].

Fonte: as autoras.

Considerando que as Línguas de Sinais são diferentes em cada país, observamos que esta piada não foi contada em muitos países (conforme nossa coleta), possivelmente por causa do sinal “casar”, que é central para o desfecho da história. Há possivelmente, uma influência da cultura estadunidense e do filme KING KONG⁶, na produção destas versões, ou seja, houve influência desse filme na Comunidade Surda estadunidense, que é a origem da maioria dos registros.

Para causar riso, essa piada necessita que as pessoas tenham conhecimento da língua de sinais, para que os significados possam ser partilhados. Para ouvintes que não sabem Língua de Sinais, nem conhecem a Cultura Surda, ela se torna incompreensível, pois ela está fortemente ligada à Cultura Surda. Neste sentido, Rutherford (1983, p. 312) comenta:

[...] muitas pessoas que são fluentes em sinais e que entendem e apreciam o jogo entre sinal e glosa não apreciam inteiramente a piada. O fato de isso acontecer evidencia a questão mais importante da especificidade cultural do humor, pois aqui, a falta de apreciação não se origina de “não entender a piada”, mas de uma falta de experiência cultural compartilhada.

Numa primeira comparação, percebemos que as versões mostram somente dois personagens: King Kong (ou Gigante) e pessoa (mulher). A identificação dos personagens como surdo ou ouvinte é variável nas versões apresentadas; por exemplo, King Kong era surdo e mulher, surda (versão C); King Kong era ouvinte e mulher, surda (versão B). Na sequência da narrativa observamos que todas as versões apresentaram King Kong pedindo a mulher em casamento.

A análise do desfecho como um “acidente” está relacionada a outras situações em que o uso da língua de sinais pode acarretar alguns contratempos, como a autora russa surda Strnadová explica sobre óculos voadores (2000, p. 175):

6 Filmes feitos no EUA de King Kong, com versões diferentes a cada ano - o primeiro filme foi feito em 1933; o segundo foi feito em 1976; o último filme foi feito em 2005.

Vocês já viram, alguma vez, os óculos voadores? Não? Se quiserem ver alguns, procurem um grupo de surdos onde pelo menos um usa óculos e esperem. Se tiverem paciência, com certeza serão compensados. Os surdos comunicam-se em língua de sinais e com a atenção voltada para a conversa, esquecem-se dos óculos. Quanto mais discutem, os movimentos das mãos tornam-se mais rápidos e impetuosos. Muitos sinais começam movendo-se a mão a partir da cabeça e prosseguem com um movimento rápido para frente. E os óculos começam a voar.

É comum que o uso de Língua de Sinais possa fazer voar óculos ou fazer cair anel do dedo ou bater uma mão na outra, podendo machucar, bater em uma pessoa quando ela está passando por perto etc. Isto gera situações engraçadas, que possivelmente se transformam em situações de humor, como em “King Kong”.

Quanto ao desfecho, vemos semelhança entre as versões: King Kong esmaga a pessoa, de forma trágica e inesperada. Devemos lembrar que um final inesperado é um dos elementos que são apontados como necessários nas piadas. Em todas as versões as pessoas se assustaram ao ver King Kong e saíram correndo. Essa piada mostra King Kong como um gigante, homem, forte, poderoso, um “rei”, que sinaliza, que se apaixona e quer se fazer entender por uma frágil mulher, representada na maioria das versões como ouvinte... O acidente acontece quando King Kong resolve fazer um sinal com duas mãos: o sinal de CASAR pode evidenciar, metaforicamente, o poder da língua de sinais. Muitas imagens e significados podem estar relacionados com esta piada, e destacamos aqui o poder da língua de sinais, representada em um gigante e a fragilidade da oralização, que pode causar um final trágico ao oralismo. Podemos ver a ênfase no uso da língua de sinais pelo poder de King Kong:

Além disso, a língua de sinais historicamente esteve ligada a imagens de primitivismo, de língua não-humana, animalesca, de macacos e animais. Por outro lado, a língua falada sempre esteve relacionada ao humano, algo que distingue os humanos dos não-humanos. A cultura surda, representada pelo fato de ser usada por um gigante, apresenta uma narrativa que desconstrói a visão estereotipada, negativa que a língua de sinais carrega. A língua de sinais está em um gigante, que pode esmagar o oralismo.

Destacamos também a figura do King Kong, na maioria das versões representado como um gorila – um gigante, feio, assustador, estranho, que atormenta o lugar onde chega, e os outros fogem dele, causando tumulto e medo. A mulher, pequena, branca, loura, bonita, dócil, amedrontada, frágil por não conseguir fugir como os demais, acaba nas mãos de King Kong. Podemos fazer uma relação com os relatos de Strobel (2008, p. 50), quando narra memórias:

Uma escola de surdos de uma cidade no interior do Paraná nesta época, colocava quadros de macacos orelhudos e feios em todas as salas de aulas para intimidar as crianças surdas, quando elas se comunicavam em língua de sinais os professores ligeiramente apontavam para o quadro comparando-as e elas ficavam assustadas com a imagem e emudeciam. Sanches (1990) explica que essa estratégia foi utilizada por professores oralistas que colocavam a gravura de um macaco; se houvesse a teimosia em usar a língua de sinais, o aluno surdo rebelde era colocado ao lado da gravura perante seus colegas surdos.

FECHANDO O PERCURSO

Após esta breve análise de duas piadas que, entre tantas, circulam nas comunidades surdas, podemos trazer algumas considerações finais.

Em primeiro lugar, essa contextualização do riso permite ligá-lo à necessidade de amparo, de expressão de singularidades que se transformam em expressões coletivas, que celebram o social, o viver junto, os sinais, as experiências sentidas, vivenciadas e compartilhadas.

Por outro lado, o riso, nas piadas surdas, vem também de uma oposição a uma certa ordem estabelecida, a uma estrutura e funcionamento valorizados socialmente. Assim, com frequência, o riso aparece como uma oposição, como reação ao que é dado e reproduzido amplamente na sociedade. Por exemplo, rimos do tropeço, do fracasso, da queda, do inusitado, do ouvinte que não se comunica... esses atos desestabilizam aquilo que era esperado. Dessa forma, de onde se espera o comum, o dado, surge o inesperado, o novo. A informação nova se sobrepõe a uma informação dada, tida como “natural”. Nesse caso, o “natural”, que é rompido, é a supremacia ouvinte.

O riso nas piadas é também provocado por enredos e desfechos relacionados a crueldade, morte, quedas – mas a crueldade a que nos referimos, conforme Gomes, não é num sentido maléfico, “[...], mas num sentido de afastamento, de indiferença, para que, nessa dimensão, se constitua a estrutura do cômico” (2009, p 152). Contudo, isso não significa que não

podemos rir de alguém que nos inspire outras emoções ou que nos remeta a outras situações engraçadas, sem envolver tragédias, como em algumas piadas surdas.

Os dois grupos de piadas que analisamos – aquelas que visam provocar o “rir do outro” e aquelas que provocam “rir de nós mesmos” – reafirmam traços importantes da identidade e da cultura surda, dos seus ganhos e vantagens, assim como de problemas de seus cotidianos. Quase todas apresentam como elemento central o uso da língua de sinais e as consequências do seu (não) uso. Relembrando Rutherford, “Se analisarmos o conteúdo manifesto da piada, vemos que a questão central é de comunicação, ou falta de (1983, p. 315).”

As piadas surdas constituem parte da agenda de luta da comunidade surda, proporcionando alegria de viver e fortalecimento do grupo. Relacionado a isso, podemos citar Propp, que comenta que “o riso é importante como arma de luta, mas é também necessário enquanto tal como manifestação de alegria de viver que estimula as forças vitais” (1992, p. 190).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante / Tanya A. Felipe**. 8ª. edição- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007

GOMES, Vitor. Um diálogo com o humor a partir de Freud, Nietzsche e Bergson. In: LINS, Maria da Penha; CARMELINO, Ana Cristina (Orgs). **A Linguagem do humor: diferentes olhares teóricos**. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2009.

HOLCOMB, Roy; HOLCOMB, Samuel; HOLCOMB, Thomas. **Deaf Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community**. 3ª Ed. San Diego, California: Dawn Sign Press. 1994.

MCCLEARY, Leland. O orgulho de ser surdo. In: **Encontro Paulista entre Intérpretes e Surdos**, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RUTHERFORD, Susan D. **The Journal of American Folklore**, vol. 96, nº 381. Jul/set, 1983, pp. 310 – 322.

STROBEL, Karin LÍlian. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Tese de doutorado (Educação). Santa Catarina: UFSC, 2006.

____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel; DONNA JO NAPOLI. Deaf jokes and sign language humor. **Humor** (Berlin, West), v. 25, p. 311-337, 2012.

STRNADOVÁ, Vera. **Como é ser surdo?** Editora Babel, Rio de Janeiro, 1995.

Recebido em 08/03/2016
Aprovado em 06/06/2016